GT 05: Gênero e Violência no Cenário Brasileiro

TRANSFOBIA E SAÚDE MENTAL: um relato de experiência

Gabriela Gomes Freitas Benigno (HSM), gabriela.benigno.psicologa@gmail.com.

João Henrique Cordeiro (UECE), joaopsi.cordeiro@aluno.uece.br

RESUMO A transfobia no Brasil, muitas vezes manifesta como violência de gênero, ocorre em diversas esferas sociais e impacta a saúde mental da população transgênera. O presente texto busca relatar a experiência de uma profissional de psicologia que atuou por oito anos em um ambulatório especializado para população trans, que funciona em um hospital psiquiátrico público do Ceará. A vivência do trabalho no cotidiano do ambulatório para pessoas trans, em uma perspectiva crítica, revela um cuidado atravessado por diversas violências, e pelo hospitalocentrismo e circuito manicomial imposto às pessoas atendidas no ambulatório (Nunes, 2022), tem-se uma contradição com o trabalho e a formação especializada e ativista dos profissionais com a saúde da população trans. O relato de experiência segue a sistematização proposta por Holiday (2006) para contar com fidedignidade e sensibilidade a experiência da autora principal com as questões referentes aos sofrimentos gerados pela vivência de práticas transfóbicas estruturais (Bento, 2021). Essa narrativa encontra fundamentação em estudos que apontam pessoas trans com elevados níveis de sofrimento psíquico, incluindo comorbidades relacionadas com a violência de gênero e transtornos psicológicos como ansiedade, depressão e ideação suicida, diretamente relacionados às experiências de preconceito, discriminação e exclusão social (Benevides, 2022). Pessoas trans enfrentam em seu cotidiano múltiplos desafios por resistirem e performarem seu gênero, situações e significados que devem ser considerados no atendimento à saúde, qual seja a sua complexidade (Staples, *et al.* 2017). O contexto vivenciado em uma Unidade Especializada explicita o preconceito estrutural como violência de gênero e reforça a necessidade de que políticas públicas para um atendimento integral requerem aprimoramento e qualificação organizacional e profissional. A educação permanente em saúde se apresenta como possibilidade de ruptura com o modelo biomédico assistencialista, ainda predominante nos ambulatórios e serviços hospitalares.

Palavras-chave: transfobia; pessoas transgênero; violência de gênero; saúde mental.

REFERÊNCIAS

BENTO, B. **Transviad@s: gêneros, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: Edufba, 2021.

BENEVIDES, B. G. Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022** / Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2023.

HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências**. 2. ed. Brasília: Fiocruz, 2006.

NUNES, M. de O.; TORRENTÉ, M. de; CARVALHO, P. A. L. de. O Circuito Manicomial de Atenção: Patologização, Psicofarmaceuticalização e Estigma em Retroalimentação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, p. e241846, 2022.

STAPLES, J. M., NEILSON, E. C., BRYAN, A. E. B., & GEORGE, W. H. The role of distal minority stress and internalized transnegativity in suicidal ideation and non suicidal self-injury among transgender adults. **The Journal of Sex Research**, 55(4-5), 1-13, 2017.